DISCURSO PARA A SOLENIDADE DE COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DE EDUARDO CAMPOS E ARTUR EDUARDO BENEVIDES, NA ACL, EM 25 DE JULHO DE 2023.

 Juarez Leitão

Senhoras e Senhores:

Pacatuba, 1923. Cerca de 16.000 habitantes, 2.500 na sede, onde existiam apenas sete ruas e três praças, uma estação de trem, um grupo escolar e mais cinco escolas particulares em residências das professoras.

O Município de Pacatuba produzia algodão, arroz, mamona, cera de carnaúba, milho, feijão e cana-de-açúcar E possuía oito alambiques, três fábricas de rapadura, duas de beneficiamento de algodão e arroz e, também, uma fábrica de doce. do famoso Doce Santa Maria, produzido no Sítio Cachoeira, do senhor Chico Coelho.

Município criado em 08 de outubro de 1869, dista 35 quilômetros da capital.

Naquelas terras do sopé da Aratanha, entre os ventos uivantes da montanha e o sopro árido do agreste nordestino, dois meninos, Manuel e Artur, nascidos respectivamente em 11 de janeiro e 25 de julho, haveriam de marcar com as tochas fumegantes de sua inteligência a História do Ceará e ilustrar, com exuberância criadora e o sentimento altaneiro dos iluminados, a Literatura Cearense.

O município tinha cinco distritos. Num deles, Guaiúba, nasceu Manuel Eduardo Campos.

Pacatuba vivia as rotinas pacatas da vida aldeã e aos seus habitantes pouco importava saber que o Brasil era governado por Artur Bernardes, presidente afoitamente contestado pela ala mais jovem do exército, os Tenentes, que pregavam abertamente o fim da República Velha e a instalação de uma nova ordem política no país. Idealistas, desde o ano anterior promoviam manifestações armadas contra o governo federal, ao ponto de, amiudadas nos sete anos seguintes, culminarem na Revolução de 30, que terminou em Ditadura.

Na alternância cíclica da vida, em 1923, morria Rui Barbosa e nasciam Lygia Fagundes Telles e José Alcides Pinto. Morria Guerra Junqueiro e nascia Fernando Sabino. Morria José Albano, patrono da cadeira que ocupo nesta academia, e nascia o padre Osvaldo Chaves, meu mestre de português no seminário de Sobral e referência definitiva para mim do que é poesia, sabedoria e a arte de ensinar com fervor e resultados.

Naquele ano, o Ceará estava às vésperas do dilúvio, o grande inverno de 1924, de chuvas que sobraram. Mas ainda se contorcia das agruras vividas há oito anos, quando a terrível SECA DO 15 gerara fome e dor, desolação, angústia, mortes numerosas e, também, como resistência catártica às mazelas da natureza, gerara versos, melopeias, hinos de medo e fé e o romance extraordinário de Rachel de Queiroz.

Lá fora, os Estados Unidos se consolidavam como potência, emergida da Primeira Grande Guerra.

Enquanto isso, a Alemanha chocava o ovo da serpente, acreditando num demagogo de extrema direita chamado Adolfo Hitler, que haveria de provocar, alguns anos depois, uma guerra com 60 milhões de vítimas fatais.

Fortaleza assistiu a adolescência daqueles dois jovens de Pacatuba e, na sequência etária, testemunhou todo a ascensão vertiginosa que escalaram nas atividades profissionais e na Literatura, construindo monumentos de benquerença na convivência humana e de excelência criativa por onde andaram e onde tocaram os dedos mágicos de sua inspiração.

Fortaleza, nos anos 20 do século passado, ainda vivia a paz das pequenas aldeias.

As ruas sem pressa se espreguiçando indolentemente nas manhãs fagueiras e nas tardes singelas, tinham denominações românticas ou simplesmente curiosas. Eram a rua Formosa, a rua das Flores, rua das Belas, rua do Cajueiro, rua da Glória, rua da Palma, a Travessa da Alegria, o Corredor do Bispo, a Ladeira da Conceição, a rua do Cotovelo e o Beco da Apertada Hora.

As pessoas trocavam cumprimentos de bons augúrios e também xícaras de pó-de-café, doces e manjares domésticos. Compadriavam-se, participavam da vida dos vizinhos, celebravam as alegrias pessoais e alheias e se acinzentavam diante da morte dos conhecidos. Rezavam antes de receber o alimento e ao ouvir os sinos vespertinos.

Ensinavam “mezinhas” e conversavam, conversavam muito, de preferência nas rodas de calçadas quando a boca da noite apaziguava as atitudes do dia.

Fortaleza seria o palco fulgurante da peripécia humana dos jovens Manuel Eduardo e Artur. Amalgamando-se ao substrato atávico e à matéria social desta cidade, os dois primos haveriam de se tornar espectadores e protagonistas da comovedora e tantas vezes triste história desta terra nas mais de oito décadas de suas vidas.

.

Viram a “bela desposada do sol” formar-se e deformar-se, saindo da pacatez horizontal de suas ruas e praças, açoitadas pelas brisas dos verdes mares de Alencar e nos murmúrios das amenidades, para a selva de pedra vertical e sufocante de agora, onde todos se recolhem em casulos de medo a ouvir os relatórios da barbárie que a cada dia se acentua e evolui assustadoramente.

Mas viveram uma juventude trepidante, frequentando os espaços sociais e festivos que o tempo oferecia.

Onde quer que estivessem, ali se iniciava o mundo, a vida se acendia e tudo se transformava numa nova e festiva alegria.

Construíram, entretanto, em torno de suas agradáveis pessoas uma irradiação de simpatia e admiração, passando a ser exemplos primordiais da boa prosa e de fascinante exercício da inteligência nos melhores espaços da cidade.

 Possuídos do dom de escrever, desde cedo se mostraram hábeis manejadores da linguagem e da lapidação da palavra, Artur, como um poeta de fino lavor, íntimo das metáforas surpreendentes, menestrel amoroso de estética neoromântica e neosimbolista, alvissareiro lírico ou sofredor elegíaco, em sonetos, odes e versos livres, rotineiramente alegando intérminos partires ou atrás das cousas longamente procuradas.

Eduardo, o Manuelito, frequentou com competência e descortino todos os caminhos da literatura em prosa, nos domínios do romance, do conto, da novela, do folclore e, sobretudo, no teatro, em que suas peças ganharam os palcos do Brasil e do mundo, arrebatando prêmios e extasiando plateias deslumbradas com sua imaginação fulgurante. A Rosa do Lagamar teve cerca de 400 apresentações, aqui e alhures.

Juntos estavam, e com brilho intenso, em todos os movimentos literários do Ceará, liderando os congressos culturais e de poesia dos anos 40 e, principalmente, na gestação e fundação do Clube de Literatura e Arte, o famoso GRUPO CLÃ, pai e mãe de grandes autores e do período mais fértil da Literatura Cearense.

Sobre o GRUPO CLÃ, tratava-se de uma sociedade de escritores e artistas que representava a jovem inteligência do Ceará e que congregava, além dos dois primos da Família Eduardo, nomes como o contista Moreira Campos, os poetas Aluísio Medeiros e Otacílio Colares, os ensaistas Joaquim Alves, Braga Montenegro, Antônio Martins Filho, Pedro Paulo Montenegro e Mozart Soriano Albuquerque, os romancistas João Clímaco Bezerra, Durval Aires, Lúcia Fernandes e Fran Martins, o cronista Milton Dias e os pintores Antônio Bandeira, Nilo Firmeza, Mário Barata e Aldemir Martins.

Os jovens intelectuais, mesmo os mais comedidos, na descontração dos encontros se expandiam em brincadeiras e até no cometimento de artimanhas e todos os tipos de pândegas.

O anedotário cultural da cidade registrou a solução que, certa vez, deram os primos para uma situação crítica, ocorrida numa reunião do Grupo Clã, em 1943, no sitio do Estrigas (Nilo Firmeza) em Mondubim.

Era uma manhã de domingo e o comparecimento foi maciço. Alguns acham que este piquenique foi um dos marcos iniciais do grupo.

Naquela manhã se brincou muito e se falou de tudo.

Estava tudo indo muito bem, mas, lá pelas 12 horas, o dono da casa comunicou que, devido ao grande número de convivas, o almoço não seria suficiente. Era preciso providenciar alguma coisa, um complemento.

A solução surgiu quando se soube que o sitiante vizinho tinha uma criação de galinhas. Manuelito Eduardo e Artur Eduardo Benevides pediram uma porção de milho. Cautelosamente, abriram uma brecha na cerca do quintal e, em seguida, fizeram uma carreirinha de milho de lá até o banheiro do Estrigas (naquele tempo os banheiros ficavam nos quintais). Logo mais, duas robustas galinhas, atraídas pela armadilha, vieram completar o almoço.

 Os dois primos eram velhos presepeiros e vinham de outras danações, desde a adolescência. No tempo em que um sacerdote da família, o padre Expedito Eduardo de Oliveira, montou no Alagadiço o Teatro Escola Renato Viana, Manuelito e Artur eram os atores principais de todas as peças, sempre versando sobre temas sacros. O padre era vigilante e não permitia excessos, como bebidas ou enxerimentos com as meninas do elenco.

Certa vez o Manuelito Eduardo fazia o Cristo na peça O Mártir do Gólgota. Matreiramente combinara com um dos *soldados romanos* que embebesse a *esponja do fel* numa boa cachaça de Redenção que havia trazido. Lá estava o salvador cravado na cruz e, ao suplicar por água, como pedia o texto, o algoz deveria lhe passar a esponja com fel. Apesar da quantidade generosa de *cana* que o cúmplice lhe esfregara na boca, o moribundo *Cristo* achou pouco*.* Esperou outra talagada, mas o maldito centurião não o acudia. Foi aí que o Manuelito acrescentou ao texto uma nova fala. Com o aspecto pungente e a voz cava do crucificado, gemeu: **“Mais fel, mais fel, que eu quero sofrer mais !!!”**

Nascido no antigo Distrito de Guaiúba, fatia do município de Pacatuba àquele tempo – **Manuel Eduardo Pinheiro Campos** parecia, por sua estatura e seu porte escandinavo, um deus olímpico nesta terra de alturas medianas. Um viking ilustrado ou um Apolo nordestino, de pronúncia teatral e numerosa versatilidade, radialista, jornalista, orador, homem de teatro, ator e autor, dramaturgo e comediógrafo, além de romancista, contista, ensaísta e historiador e, ainda, cenógrafo, pintor e desenhista.

Quando Os Diários Associados dominavam a mídia nacional e Eduardo Campos era o seu comandante estadual, foi o homem mais poderoso do Ceará. Um poderoso humilde e elegante, que soube reinar sem arrogância ou desvario.

Reconhecido como uma das mentes mais brilhantes desta terra de sol forte e copiosos artistas, já na infância, leitor intimorato, devorou centenas e centenas de livros, costume obsessivamente mantido por toda a vida, e, no ofício de criador literário, escreveu 72 obras, do resgate de costumes à culinária nordestina.

Menino órfão, era filho por sangue de Jonas Accioly Pinheiro e Maria Dolores Eduardo, mas foi criado por seus tios João Pereira Campos e Isabel Eduardo.

Teve, assim, duas mães e dois pais, sendo alvo de multiplicada ternura e, certamente, desatada paparicação dos familiares.

Gigantesco, para o padrão biológico cearense, repito, foi paradoxalmente agraciado com um apelido cativante, um diminutivo vindo da infância, de sonoridade afilada, a soar como uma gota de mel caída sobre o cristal: **Manuelito!**

Eduardo Campos seria um eterno menino grande, interessante, loquaz, cheio de humor, de verve acesa e memória afiada. Fabuloso contador de histórias, inquieto trabalhador intelectual, tomou como missão reconstituir a história não-oficial de Fortaleza, as cenas dos bastidores e do cotidiano desta sociedade, garimpando nos jornais de época e no cenário dos romances de costumes o que jazia inerte e esquecido, num trabalho de alta importância para a história verdadeira de nossa capital.

O talento abundante e generoso de sua voz de trovão divino brindou as plateias abismadas desta cidade e de outras praças com uma fala cheia de tiradas poéticas e pronúncia encantatória.

Um homem que se construiu pelos melhores caminhos de formação das personalidades ideais, detentor de vasto saber e produtor de saberes, foi-se embora em 2007, em pleno esplendor de sua atuação, quando ainda gestava afetos, dirigia entidades culturais, construía museus, e, do alpendre remansoso da experiência, estava a contar histórias de costumes antigos e de ritos triviais do outro tempo, numa forma pedagógica, às intranquilas gerações presentes, pela serenidade do passado.

SENHORAS E SENHORES:

 **“ Nunca se sabe onde o sertão começa**

 **Nunca se viu onde seu chão termina.**

 **O sertão, arco-íris que regressa**

 **É uma canção em nós. Ou nossa sina.”**

Neste intróito de seu poema “Cântico dos cânticos”, Artur Eduardo Benevides, o outro homenageado desta celebração centenária, declarava as indefiníveis fronteiras de sua emoção, marcada por essa força telúrica, pelos ventos do sertão e as brisas do mar, pelas canções de saudade e a voz da tradição moldada nos valores e saberes do povo.

 Nascido também em Pacatuba, à sombra das serras de Aratanha e da Jubaia, de lá saiu à procura de um *cavalo que perdeu em 1930,* segundo um outro poema, e que deve ter encontrado, pois, desde então, armado de cota de malha, espada, corseletes, escudo, elmo e viseira, veio, cavaleiro andante, percorrendo as estradas do sol e os caminhos da sorte, na busca do Santo Graal, distribuindo entre as gentes da terra esperanças sagradas e as graças de sua alma afoita e apaixonada.

 Poeta no sentido mais amplo e clássico da palavra, pôs-se diante da vida, como um Édipo frente à esfinge, pronto para decifrar o seu mistério.

E então se compôs com o próprio mistério da vida para fazer dele seu elemento essencial, na notícia da morte ou na fala da paixão, ou quando, navegante de afoitos navios, saia como um Odisseu, a caçar sereias pelos sete mares ou a vencer os cíclopes do destino com sua audácia lírica.

 Poeta de vitalidade luminosa soube tirar a melhor sonoridade da matéria rude dos dias e solfejar as mais doces canções para embalar o sono dos amantes e consolar as grandes solidões.

 Poeta com assinatura, adotou os temas clássicos da morte e da ressurreição como metáforas da jornada humana, explicando a partir daí o amor, a tragédia, a esperança, a dúvida, os sonhos e os espantos. A farsa, a sorte e a dor, os abismos e as apoteoses:

 “E nasce o poema, como nasce o dilema.

 O rumo. O remo. O ramo. O gamo.

 A chama. A flama. O rio. O frio.

 E tudo nasce e morre

 enquanto o verso chega e me socorre.”

 Sua poesia é uma sucessão virtualmente infinita de revelações, que apontam para os mistérios constantes da vida e, ao contrabalançar as razões gerais do destino humano com as subjetividades individuais, termina por intervir na faina operosa do cotidiano, pondo para se entender o explícito com o subjacente, a aldeia e com o arco cosmopolita, a dura realidade com as aspirações transcendentes.

 Sem a linha rígida do discurso clássico, pois queria e sabia ousar imagens, declarava-se descender, por temática, voz e ritmo de Camões e José Albano, os grandes mestres da poesia de língua portuguesa, que, embora separados por 400 anos, são parentes consanguíneos no classicismo.

 Artur Eduardo Benevides foi um clássico na poesia moderna, da geração de quarenta e cinco, que soube, com argúcia e consciência da realidade, traduzir o tempo, fazendo com ele parceria e não inimizade.

 Desde o NAVIO DA NOITE, publicado em 1944, às ESCADARIAS DA AURORA, foi se mostrado fiel aos seus temas básicos: O amor, a morte, o mar, a dor, a ressonância mitológica grega e medieval.

 Altaneiro e lúcido, Artur foi, a um tempo, único e de fascinante pluralidade. Seu canto ditirâmbico, arrebatado pela idealidade platônica, espalhou-se sobre o território dos sentidos, semeando-se em grande seara de ternura e dor, para colher-se alí, safra de pura luz, em silos repletos de compensações, num plano singular, raramente igualado por outro cultivador da poesia.

 Essa escritura, forte em sua densidade lírica, captando às vezes o mundo em chave irônica ou praticando a ambivalência enigmática, mescla a agudeza da paixão heróica com a retórica da resignação e nisto mostra a vida, que também é assim, com manhãs de D.Quixote e tardes beneditinas.

 Artur era o Príncipe da poesia cearense. Mas um príncipe contemporâneo, que fugiu do emaranhado parnasiano e dos jargões mediáticos para caminhar sobre as águas novas da poesia do pós-guerra, aberta para as razões do homem, suas vitórias e seus medos, suas esperanças e perplexidades.

 Como um oleiro, nosso poeta trabalhava o verso puro com a argila básica de seu tempo, produzindo um artefato que, se por um lado é a necessidade urgente de sua emoção, é, por outro, também de premente utilidade para quem o escuta:

 “Escrever é como não morrer.

 É legar-se ou doar-se

 àqueles que um dia acordarão

 à sombra dos ressonos da canção.”

Por mais de 50 anos transformou esta terra no reino de Camelot, onde, como o rei Artur, instalou a Távola Redonda e se pôs a administrar um principado lírico, povoado de Lancelotes e Parcifais, Tristões e Isoldas, Roldão e o Mago Merlin, vivendo nos remansos sonoros dos versos, instigantes paixões e frementes aventuras.

 Artur Eduardo Benevides era a palavra poética do Ceará e figura entre os mais importantes e premiados escritores brasileiros.

 Poderia ter chegado a outras escalas na Literatura Nacional se tivesse deixado a província. Preferiu ficar aqui no aconchego do colo de Iracema, cantando como um aedo grego a beleza bucólica da terra do sol e a saga de seu povo.

 Figura indissociável da sensibilidade da alma cearense, diverso em seus motivos de criação, mas conexo na natureza de sua poesia, é um emblema que nos representa e nos traduz.

 De aparência serena e paternal, presidente da Academia Cearense de Letras, diretor de unidades universitárias, referência de dignidade ética e social, Artur foi, antes de tudo, um poeta, e, como tal, capaz das maiores afoitezas, empunhando alaúdes ou compondo líricas canções seresteiras.

 O homem público, vestido de comedimentos, professor catedrático formal e o arrebatado trovador, realizam na literatura a esplêndida divisão existencial, valorizando essa duplicidade na produção de alguns momentos da melhor criação poética contemporânea.

 Conta a lenda que o rei Artur, ferido na batalha de Camlann, foi posto num barco mágico pelas ninfas e levado para a ilha encantada de Avalon, onde a fada Morgana passou a cuidar dele com desvelo e carinho.

 Eu não saberia localizar exatamente no Ceará a ilha de Avalon, mas sei que ele teve, nos outonais momentos de sua euforia existencial, sua fada Morgana.

Constança, a última musa do cavaleiro Artur, foi, pelos caminhos da ternura e da dedicação, a inspiradora final do poeta.

Senhoras e Senhores:

Hoje, decorridos 100 anos do nascimento destas duas colunas capitais da Literatura Cearense, estamos aqui reunidos para celebrar a vida e aplaudir a história de Manuelito Eduardo e Artur Eduardo Benevides.

Por tudo o que produziram em suas oficinas de mistério e luz, no manuseio na paixão e no relato épico dos abismos e triunfos da atitude humana.

Pela transformação mágica e sublime que souberam fazer do aparente para o transparente, tirando da pedra, a nuvem; do medo, o salto; das trevas, o breve amanhecer.

Pelos momentos de encanto e melodia que descobriram, invenção luminosa e emoção transfiguladora, na poesia ou no drama, no amor idealizado ou na perda irremediável, na prece oblativa ou na maldição encantada.

Pela imaginação posta a serviço da arte, na cantiga lírica ou na peripécia patética, com seus passageiros da graça ou do medo atuando no bailado das circunstâncias, assentando nas pedras toscas ou lúcidas do caminho escolhido a construção dos atos, os laços, os percalços, as esperanças, os mistérios e as decepções da vida.

Por tudo isto e muito mais lhes somos gratos.

.

E nos esforçaremos para aprender e nos amalgamar com o acervo precioso que nos legaram, a mirra, o incenso e ouro de sua experiência.

A resplandecente experiência de vida e de arte, arguída como razão socrática, como lâmpada levantada com esforço assíduo, dignidade abalizada e propósito de iluminar os pântanos obscuros dos costumes, dos atos falhos e das vicissitudes.

Para nós, seus discípulos, leitores e admiradores, fica a advertência final de Euclides quando foi solicitado pelo rei Ptolomeu a encontrar um caminho mais curto para a sabedoria.

- Meu rei – disse o filósofo e matemático antigo - não vos posso atender, porque não existe um caminho curto para a sabedoria.

Meus amigos

Minhas amigas

Convidados desta celebração:

Fui incumbido pelo presidente Tales de Sá Cavalcante da difícil missão de falar sobre os dons, o labor, a vida e o desempenho literário de duas altas expressões culturais e humanas do Ceará, ambos presidentes desta Academia Cearense de Letras, que conheci de perto, de leitura, de amizade, de convivência e de admiração.

Fiz o que foi possível e os meus limites permitiram.

E quero concluir minha fala com a desculpa humilde apresentada pelo cantador repentista Anselmo Vieira, na fazenda de um coronel do Sertão:

“PARA EU CANTAR EM SUA CASA

MEU PATRÃO ME DEU LICENÇA.

SE A CANTIGA NÃO FOI BOA

DESCULPE VOSSA EXCELENÇA

QUE ÀS VEZES A COISA NÃO SAI

DO JEITO QUE A GENTE PENSA!”

 Muito obrigado!